

Arthur Conan Doyle

O CÃO DOS BASKERVILLE

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges



ZAHAR

Copyright desta edição © 2013:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Adriana Azevedo
Projeto gráfico: Carolina Falcão
Capa: Rafael Nobre
Imagem da capa: © Giorgio Fochesato/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784c Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930
O cão dos Baskerville / Arthur Conan Doyle; tradução
Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

il. (Bolso de luxo)

Tradução de: The hound of the Baskervilles
ISBN 978-85-378-0955-6

1. Ficção inglesa. I. Borges, Maria Luiza X. de A. (Maria Lui-
za Xavier de Almeida), 1950-. II. Título. III. Série.

APRESENTAÇÃO

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todas as línguas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

O cão dos Barkerville, seu caso mais notável, foi publicado em fascículos mensais entre agosto de 1901 e abril de 1902 na *Strand Magazine*, periódico britânico que levou os casos e a figura de Holmes ao grande público. Meses antes do primeiro episódio, Conan Doyle propôs ao editor “a ideia de um sucesso garantido”: um romance ambientado na peculiar região de Dartmoor, no oeste da Inglaterra, fonte de muitas lendas e pesadelos. Doyle assassinara Holmes no conto “O problema

final” (1893), e consta que a revista sofreu então uma baixa de 20 mil assinaturas, mas o fez ressurgir aqui – seja por razões financeiras, seja porque, como ele afirmava, a história necessitava de um personagem central forte. Não foi, no entanto, propriamente um retorno: a narrativa é rotulada como uma “reminiscência” do detetive, e os pavorosos eventos ocorrem num período indefinido.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em “colocar o leitor a meio caminho”, como diz John le Carré, entre seus dois grandes protagonistas: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto publicado originalmente na *Strand Magazine*. A ele se somam mais de quarenta ilustrações de Sidney Paget, o primeiro, e prolífico, ilustrador das histórias do grande detetive de Baker Street.

I. MR. SHERLOCK HOLMES

MR. SHERLOCK HOLMES, que costumava se levantar muito tarde de manhã, exceto naquelas não raras ocasiões em que passava a noite em claro, estava sentado à mesa do desjejum. Postei-me no tapetinho junto à lareira e peguei a bengala que nosso visitante esquecera ali na noite anterior. Era uma bela e grossa peça de madeira, de castão bulboso, do tipo conhecido como *Penang lawyer*. Logo abaixo do castão havia uma larga faixa de prata, de cerca de dois centímetros e meio. Nela estava gravado: “Para James Mortimer, M.R.C.S., de seus amigos do C.C.H.”, com a data “1884”. Era exatamente o tipo de bengala que um médico de família antiquado usaria — digna, sólida e tranquilizadora.

“Bem, Watson, que deduz dela?”

Holmes estava sentado de costas para mim, e eu não lhe dera nenhum indício do que eu estava fazendo.

“Como soube o que eu fazia? Parece ter olhos na nuca.”

“Tenho, ao menos, um bule de prata bem polido à minha frente”, respondeu. “Mas diga-me, Watson, que deduz da bengala do nosso visitante? Uma vez que tivemos o infortúnio de deixá-lo escapar e não fazemos a mínima ideia do que o trazia, esse souvenir inesperado ganha importância. Deixe-me ouvi-lo reconstituir o homem com base num exame dela.”

“Penso”, disse eu, seguindo até onde podia os métodos de meu companheiro, “que o dr. Mortimer é um médico idoso e bem-sucedido, muito estimado, já que amigos lhe dão esta prova de apreço.”

“Bom!” disse Holmes. “Excelente!”

“Creio também que as probabilidades indicam ser ele um médico rural que faz boa parte de suas visitas a pé.”

“Por quê?”

“Porque esta bengala, embora originalmente muito elegante, já levou tantas pancadas que mal posso imaginar um clínico da cidade carregando-a. A grossa ponteira de ferro está tão gasta que evidentemente ele já caminhou muito com ela.”

“Perfeitamente lógico!” disse Holmes.

“Além disso, há o ‘amigos do C.C.H’. Eu diria que essas iniciais designam o Algo de Caça, o grupo local de caçadores a cujos membros ele possivelmente prestou alguma assistência cirúrgica, e que lhe deram um pequeno presente em retribuição.”

“Realmente, Watson, você se supera”, disse Holmes, empurrando sua cadeira para trás e acendendo um cigarro. “Sou obrigado a dizer que, em todos os relatos que teve a bondade de fazer de minhas pequenas façanhas, em geral você subestimou suas próprias aptidões. É possível que você não seja em si mesmo luminoso, mas é um condutor de luz. Algumas pessoas, sem possuir gênio, têm o notável poder de estimulá-lo. Confesso, meu caro companheiro, que tenho uma dívida muito grande para com você.”

Ele nunca dissera tanto antes, e devo admitir que essas palavras me deram um intenso prazer, pois muitas vezes eu

me sentira magoado ante sua indiferença à minha admiração e às minhas tentativas de divulgar os seus métodos. Fiquei orgulhoso, também, ao pensar que dominara seu sistema a ponto de aplicá-lo de uma maneira que merecia sua aprovação. Ele tirou a bengala das minhas mãos e examinou-a por alguns minutos a olho nu. Depois, com uma expressão de interesse, pôs o cigarro de lado e, levando a bengala até a janela, examinou-a de novo com uma lente convexa.

“Interessante, embora elementar”, disse ao voltar ao seu canto favorito do sofá. “Há certamente uma ou duas indicações na bengala. Isto nos dá base para várias deduções.”

“Alguma coisa me escapou?”

perguntei com alguma presunção. “Creio não ter deixado passar nada de importante, não é?”

“Temo, meu caro Watson, que a maioria de suas conclusões não tenha fundamento. Quando disse que você me estimulava



“Examinou-a de novo com uma lente convexa.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

queria dizer, para ser franco, que ao notar suas falácias eu era ocasionalmente guiado para a verdade. Não que você esteja inteiramente errado neste caso. O homem é certamente um médico rural.”

“Então eu estava certo.”

“Até aí.”

“Mas isso era tudo.”

“Não, meu caro Watson, não tudo — de maneira alguma. Eu sugeriria, por exemplo, que um presente para um médico provém mais provavelmente de um hospital que de um grupo de caçadores, e que, quando as iniciais ‘C.C.’ precedem esse Hospital, as palavras ‘Charing Cross’ se insinuam muito naturalmente.”

“Talvez você tenha razão.”

“As probabilidades apontam nessa direção. E, se tomamos isso como uma hipótese de trabalho, temos uma nova base a partir da qual começar nossa construção do visitante desconhecido.”

“Pois bem, supondo que ‘C.C.H.’ represente de fato ‘Charing Cross Hospital’, que outras inferências podemos fazer?”

“Não há nenhuma se insinuando? Você conhece os meus métodos. Aplique-os!”

“Só consigo pensar na conclusão óbvia de que o homem clinicou na cidade antes de ir para a zona rural.”

“Acho que poderíamos nos aventurar um pouco mais. Veja isso sob esta luz. Em que ocasião seria mais provável que semelhante presente fosse dado? Quando seus amigos se uniriam para lhe dar um penhor de sua estima? Obviamente quando o dr. Mortimer se afastou do serviço do hospital para

começar a clinicar por conta própria. Sabemos que houve um presente. Acreditamos que houve uma mudança de um hospital urbano para uma clínica na zona rural. Nesse caso, seria levar longe demais nossa inferência dizer que o presente foi dado por ocasião da mudança?”

“De fato parece provável.”

“Ora, você deve observar que ele não podia fazer parte do *staff* do hospital, pois somente um médico com uma boa clientela em Londres poderia ocupar tal posição, e um homem assim não se deixaria levar para a zona rural. Que era ele, então? Se estava no hospital mas não pertencia ao *staff*, só podia ser um médico ou um cirurgião residente, pouco mais que um interno. E ele saiu cinco anos atrás — a data está na bengala. Assim seu médico de família circunspecto, de meia-idade, se evapora, meu caro Watson, e surge um rapaz de menos de trinta anos, amável, sem ambição, distraído e dono de um cão de estimação, que eu descreveria grosso modo como maior que um terrier e menor que um mastim.”

Ri incredulamente enquanto Sherlock Holmes se recostava no sofá e soprava pequenos e hesitantes anéis de fumaça para o teto.

“Quanto à última parte, não tenho como conferi-la”, disse eu, “mas pelo menos não é difícil verificar alguns detalhes sobre a idade e a carreira profissional do homem.”

De minha pequena estante de obras de medicina, peguei o *Medical Directory* e localizei o nome. Havia vários Mortimer, mas somente um podia ser nosso visitante. Li a ficha em voz alta:

Mortimer, James, M.R.C.S., 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião residente de 1882 a 1884 no Charing Cross Hospital. Ganhador do Prêmio Jackson para Anatomia Comparada com o ensaio intitulado “É a doença uma reversão?” Membro correspondente da Sociedade Sueca de Patologia. Autor de “Alguns caprichos do atavismo” (*Lancet*, 1882), “Estamos progredindo?” (*Journal of Psychology*, março de 1883). Médico Encarregado das paróquias de Grimpen, Thorsley e High Barrow.

“Nenhuma menção ao grupo local de caçadores, Watson”, disse Holmes com um sorriso travesso, “mas um médico rural, como você observou muito astutamente. Penso que estou razoavelmente justificado em minhas inferências. Quanto aos adjetivos, eu disse, se bem me lembro, amável, sem ambição e distraído. Minha experiência ensina que neste mundo só um homem amável recebe homenagens, só um homem sem ambição troca uma carreira em Londres pela zona rural e só um homem distraído deixa a bengala e não um cartão de visita após esperar uma hora pelo dono da casa.”

“E o cachorro?”

“Tem o hábito de andar atrás do dono carregando esta bengala. Sendo uma bengala pesada, o cão costuma segurá-la com firmeza pelo meio, e as marcas de seus dentes são muito claramente visíveis. A mandíbula do cão, como o espaço entre estas marcas revela, é larga demais para um terrier, na minha opinião, e não larga o suficiente para um mastim. Poderia ser... sim, por Deus, é um spaniel de pelo ondulado.”

Ele se levantara e andava pela sala enquanto falava. Nesse momento parou no recuo da janela. Havia tal tom de convicção na sua voz que levantei os olhos para ele, surpreso.

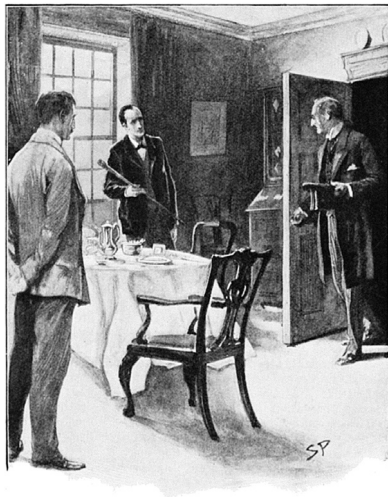
“Meu caro companheiro, como pode ter tanta certeza?”

“Pela simples razão de que estou vendo o próprio cachorro aqui mesmo na nossa soleira, e seu dono está tocando a campainha. Não se mexa, eu lhe peço, Watson. Ele é seu confrade, e sua presença me pode ser útil. Agora é o momento dramático do destino, Watson, quando ouvimos na escada passos que vêm entrar em nossa vida, e não sabemos se para o bem ou para o mal. O que vem o dr. James Mortimer, o homem de ciência, pedir a Sherlock Holmes, o especialista em crime? Entre!”

A aparência do nosso visitante foi uma surpresa para mim, já que esperava um típico médico rural. Era um homem bem alto e magro; um nariz comprido e adunco projetava-se entre dois penetrantes olhos cinza, muito juntos, que brilhavam detrás de um par de óculos com aro de ouro. Vestia-se de maneira profissional, mas um tanto desmazelada, pois sua sobrecasaca estava encardida e as calças, puídas. Embora jovem, tinha as longas costas encurvadas e caminhava espichando a cabeça para a frente, com um ar geral de perscrutadora benevolência. Quando entrou, deu com os olhos na bengala na mão de Holmes e correu para ela com uma exclamação de alegria.

“Estou tão contente”, disse. “Não sabia ao certo se a deixara aqui ou na agência marítima. Não gostaria de perder essa bengala por nada neste mundo.”

“Um presente, pelo que vejo”, disse Holmes.



“Deu com os olhos na bengala na mão de Holmes.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1901]

“Sim, senhor.”

“Do Charing Cross Hospital?”

“De um ou dois amigos de lá, por ocasião do meu casamento.”

“Ai, ai, isso é mau!” disse Holmes, sacudindo a cabeça.

O dr. Mortimer relanceou-o através de seus óculos, um tanto espantado.

“Mau por quê?”

“Apenas porque o senhor abalou nossas pequenas deduções. Disse seu casamento?”

“Sim, senhor. Casei-me, por isso deixei o hospital, e com ele todas as esperanças de um consultório. Tive de criar um lar para mim.”

“Bem, bem, não estamos assim tão errados, afinal de contas”, disse Holmes. “E agora, dr. James Mortimer...”

“Senhor, por favor, senhor... um humilde M.R.C.S.”

“E um homem de mente precisa, evidentemente.”

“Um diletante da ciência, Mr. Holmes, um catador de conchas nas praias do vasto e ignoto oceano. Presumo que é a Mr. Sherlock Holmes que estou me dirigindo, e não...”

“Não, esse é o meu amigo dr. Watson.”

“Prazer em conhecê-lo, senhor. Ouvi menção a seu nome em conexão com o de seu amigo. O senhor me interessa muito, Mr. Holmes. De fato eu não esperava um crânio tão dolicocefalo ou um desenvolvimento supraorbital tão acentuado. Faria alguma objeção a que eu passe o dedo por sua fissura parietal? Um molde de seu crânio, até que o original fique disponível, seria um ornamento para qualquer museu antropológico. Sem querer bajulá-lo, eu cobiço o seu crânio.”

Sherlock Holmes apontou uma cadeira para nosso estranho visitante.

“Posso perceber que o senhor é um entusiasta em sua linha de pensamento, como eu na minha”, disse. “Observo por seu dedo indicador que faz seus próprios cigarros. Não hesite em acender um.”

O homem tirou papel e fumo e enrolou um no outro com surpreendente destreza. Tinha dedos longos, trêmulos, ágeis e inquietos como as antenas de um inseto.

Holmes mantinha-se em silêncio, mas suas olhadelas penetrantes mostravam-me o interesse que sentia por nosso curioso visitante.

“Presumo, senhor”, disse por fim, “que não foi apenas com o objetivo de examinar o meu crânio que me deu a honra de sua visita ontem à noite e novamente hoje?”

“Não, senhor, não; embora esteja feliz por ter a oportunidade de fazer isso também. Vim procurá-lo, Mr. Holmes, porque reconheço ser eu mesmo um homem inábil e porque me vejo subitamente confrontado com um problema extremamente grave e extraordinário. Reconhecendo, como o faço, que o senhor é o segundo maior especialista na Europa...”

“É mesmo, senhor? Posso lhe perguntar quem tem a honra de ser o primeiro?” perguntou Holmes com alguma aspereza.

“Para o homem de mente rigorosamente científica, o trabalho de Monsieur Bertillon.”

“Nesse caso não seria melhor consultá-lo?”

“Eu disse, senhor, para a mente rigorosamente científica. Mas, como homem de negócios de espírito prático, é voz geral que ninguém o iguala. Espero, senhor, não ter inadvertidamente...”

“Só um pouco”, disse Holmes. “Penso, dr. Mortimer, que faria bem se, sem mais delongas, tivesse a bondade de me dizer claramente qual é a natureza exata do problema em que solicita meus préstimos.”